



A GUERRA DOS 74 DIAS: NOVA TECNOLOGIA E VELHAS TÁTICAS

Gary L. Guertner

Na manhã do dia 2 de abril de 1982, o mundo viu-se frente a uma nova crise internacional. O local não era aquele de possíveis pontos de atrito, mas nas Ilhas Falklands, no Atlântico Sul. As forças argentinas haviam invadido a sua capital, Porto Stanley. Ao mesmo tempo, os britânicos foram imediatamente mobilizados e deslocaram-se para o Sul, retomando as ilhas em dois meses e meio. Este artigo proporciona uma análise inicial das lições a serem aprendidas desta experiência.

A campanha das Ilhas Falklands (Malvinas para os argentinos) iniciou-se com uma demonstração de mísseis sofisticados e de fascinante equipamento que assinalou o fim de uma era. Não mais poderão as forças-tarefas navais deslocar-se com relativa impunidade perto das costas hostis como as forças norte-americanas o fizeram durante a Guerra do Vietnã. Por mais importante que seja esta lição, ela não deve sobrepor-se a outras que podem e devem ser aprendidas do êxito da campanha britânica em terra firme. Isto é especialmente verdadeiro para as três últimas semanas da guerra, quando a ênfase passou para as táticas de infantaria, liderança, logística e o emprego habilidoso das armas padronizadas.

Os ingleses vêm mantendo um rígido sigilo sobre os pormenores

do combate terrestre. Quando este artigo estava sendo preparado, o Ministério da Defesa não planejava liberar publicações oficiais que descreviassem as operações antes do final de outubro de 1982. Esta, portanto, é uma avaliação temporária. Os comandantes de pequenos escalões deverão aguardar que venham à luz detalhes da mais alta importância, assim que os relatórios britânicos de pós-operações sejam divulgados aos seus aliados.

O DIA D

O Dia D para os ingleses, a 12.800 quilômetros de casa e em meio ao início do inverno antártico, começou com frenéticas improvisações necessárias para a formação de uma força-tarefa. Os limitados recursos da Real Marinha foram os primeiros a ser mobiliza-

dos. Os navios-aeródromos leves *Hermes* e *Invincible* constituíam o cerne da frota. Horas após a queda de Porto Stanley, 24 navios, inclusive os malfadados *Sheffield* e *Coventry*, foram retirados de um exercício da OTAN, em Gibraltar, e despachados para o Sul como os pontas-de-lança da força-tarefa. Vasos de guerra em processo de readaptação nas docas foram apressadamente preparados para navegar.

À medida que a força-tarefa sin-grava para o Sul através do Atlântico, o governo começava um maciço programa de requisição e fretagem de navios civis para serem usados no transporte de mais soldados e suprimentos adicionais. Navios mercantes transformaram-se em varredores de minas, rebocadores ou navios-hospitais. Navios de carga foram convertidos em transportes auxiliares com conveses de pouso implantados à marreta e canhões montados nas posições elevadas. O maior transatlântico do mundo (o *Queen Elizabeth 2*) foi retirado de seu cruzeiro e suas piscinas transformadas em plataformas para pouso de helicópteros. Os três batalhões que transportava desembarcariam dois meses após a invasão argentina.

O escopo e a intensidade do esforço exigido para despachar a força-tarefa de 101 navios não haviam sido igualados nos ancoradouros britânicos desde 1945. O sistema logístico de apoio às operações no extremo sul do globo teve o auxílio de uma vital área de concentração bem na metade do caminho. A Ilha Ascensão, com

um campo de pouso americano, serviu virtualmente como um terceiro navio-aeródromo que permitiu à Real Força Aérea e aos *Boeing 707* fretados transportarem soldados e toneladas de suprimentos de guerra. Uma vez ao largo das Falklands, o Comando Britânico defrontou-se com a difícil opção de tomar de assalto Stanley e seu aeroporto ou cercar a área e levar a cabo um sítio prolongado, enquanto prosseguissem as negociações.

A estratégia inglesa evidentemente ainda não havia sido decidida até 25 de abril, quando uma invasão bem sucedida foi realizada na Geórgia do Sul, 1.280 quilômetros a leste das Falklands. Aquela ilha poderia ter fornecido água potável para a frota e estocagem de combustível. Estas vantagens, porém, teriam sido significativas somente se os ingleses tivessem resolvido manter um bloqueio aéreo e marítimo. Ela era de valor militar secundário para uma invasão das ilhas principais e poderia ter sido facilmente ultrapassada juntamente com a Falkland Ocidental.

Os comandantes eram favoráveis a um ataque inicial e poderoso às posições argentinas na Falkland Oriental. Proceder de outra forma redundaria em ceder a iniciativa às forças adversárias. Um bloqueio, por mais rígido que fosse, tinha pouca probabilidade de forçar a rendição dos argentinos. O que proporcionava ainda mais apoio aos argumentos de uma imediata ação militar eram os riscos evidentes de efetuar um bloqueio a 12.800 quilômetros de casa em fa-

ce a um poder aéreo argentino numericamente superior e de três submarinos não localizados (um quarto havia sido posto fora de combate na Geórgia do Sul).

As condições meteorológicas eram também um fator que demandava ação rápida e decisiva. Desembarques protelados seriam muito mais difíceis, talvez impossíveis, durante as tempestades de inverno. As perspectivas de manter um grande número de unidades embarcadas eram arriscadas, mesmo fora do alcance dos caças argentinos baseados em terra.

Os problemas táticos enfrentados pelos ingleses tornaram-se também complicados pela presença de quatro ou cinco sistemas de radar em operação nas ilhas. Estes sistemas acompanhavam a frota a 400 quilômetros de distância e transmitiam informações aos comandos aéreos e navais no Continente. Os britânicos não puderam causar interferência nem destruir este sistema altamente móvel construído pela Westinghouse.*

Estes argumentos ganharam crédito com a chegada do navio-transporte *Camberra*, com 2.500 soldados a bordo. Permitir que esta embarcação, e posteriormente o *Queen Elizabeth 2*, que conduzia a 5ª Brigada, deslocassem-se lentamente ao largo das Falklands em desafio à ameaça representada pelos aviões e submarinos argentinos era um convite ao desastre em grande escala. A disponibilidade dessa força e de suprimentos adi-

cionais, o ritmo lento das negociações em Buenos Aires e nas Nações Unidas e a crescente confiança dos comandantes ingleses como resultado das operações de informações e do desempenho de pequenas unidades em todas as ilhas neutralizaram, com êxito, as pressões políticas que se faziam para dar continuidade à busca de soluções diplomáticas para a crise.

A BATALHA TERRESTRE

Em terra, o objetivo britânico era retomar Porto Stanley das mãos de cerca de 7.000 soldados argentinos que tiveram oito semanas para preparar posições defensivas. A campanha, que durou três semanas, começou com um cuidadoso planejamento e surpresas táticas. Buenos Aires parecia estar aguardando um desembarque no litoral leste da ilha, a 80 quilômetros mais distante da Argentina continental e menos vulnerável ao bombardeio de aviões baseados em terra. Em vez disso, as forças inglesas estabeleceram uma cabeça de praia no lado ocidental da ilha, em Porto San Carlos.

Os desembarques foram precedidos pelo que parecem ter sido operações extraordinariamente bem executadas pelo reconhecimento britânico — o Serviço Aéreo Especial e o seu correspondente do Corpo de Fuzileiros Navais, o Serviço Especial de Embarcações. Estas forças vasculharam pontos de desembarque, removeram minas e desencadearam ataques diversionários com pequenos escalões. A 14 de maio, um desta-

* John Beattie, *The Falklands Story*, Express Newspaper, Toronto, Canadá, 1982.

camento de cerca de 50 homens destruiu um pequeno campo de pouso argentino na Ilha Pebble. Este assalto destruiu 11 aeronaves de ataque terrestre *Pucará* e eliminou uma séria ameaça às forças britânicas no Estreito de Falkland.

Na madrugada de 21 de maio, o navio de assalto *Fearless*, o transatlântico *Camberra* e outras embarcações da força-tarefa deslocaram-se para a parte setentrional do Estreito de Falkland entre as duas ilhas principais. Às 0400 horas, os primeiros 1.000 soldados ingleses desembarcaram, seguidos por carros de combate leves *Scorpion*. No outro lado da ilha, os dois navios-aeródromos lançaram aeronaves *Harrier* e helicópteros para darem cobertura aos desembarques. Porto Stanley foi bombardeada e foram realizados ataques simulados contra Fox Bay, Darwin e Goose Green.

Num período de 36 horas, 5.000 soldados haviam desembarcado nas praias e estabelecido uma cabeça de praia a 16 quilômetros. A ligeira resistência argentina nas proximidades de Fanning Head foi rapidamente neutralizada pelo fogo naval e a guarnição de 200 homens debandou.

O desembarque de homens e suprimentos continuou sem obstáculos com elementos do Real Corpo de Transportes trabalhando rapidamente para evacuar a praia. Patrulhas de reconhecimento de longo alcance dotadas de obuses portáteis de 105mm procuraram estabelecer contato com o inimigo. Os mísseis solo-ar *Rapier* e os

radares de alerta antecipado foram rapidamente instalados.

Os comandantes britânicos estavam convictos de que os seus CC leves *Scorpion* dotados de canhões de 76mm e as viaturas blindadas *Scimitar* equipadas com canhões de 30mm seriam capazes de enfrentar quaisquer viaturas blindadas de transporte de pessoal que os argentinos pudessem fazer atravessar pelos pântanos lodosos para um contra-ataque. Os ingleses também haviam dado prioridade à destruição dos helicópteros adversários. O êxito desses esforços imobilizou ainda mais as forças argentinas.

Somente a Força Aérea Argentina reagiu vigorosamente. Em quatro dias, os ingleses perderam quatro importantes navios de superfície — o *Ardent*, o *Antelope*, o *Coventry* e o *Atlantic Conveyor* — para os mísseis *Exocet* e bombas convencionais.

A Marinha pagou um alto preço no apoio aos desembarques em San Carlos. Embora os canhões navais e os sobrecarregados *Harrier* tivessem derrubado um número confirmado de 17 aeronaves argentinas, os audaciosos ataques em levas realizados por quatro a cinco aviões não foram detidos pelos limitados recursos britânicos.

A 27 de maio, as forças terrestres continuaram a afastar-se da cabeça de ponte na fase inicial de um movimento de pinças, cujo objetivo final era mobilizar a guarnição argentina em Porto Stanley. A estratégia britânica baseava-se numa infantaria altamente móvel para derrotar uma força estática

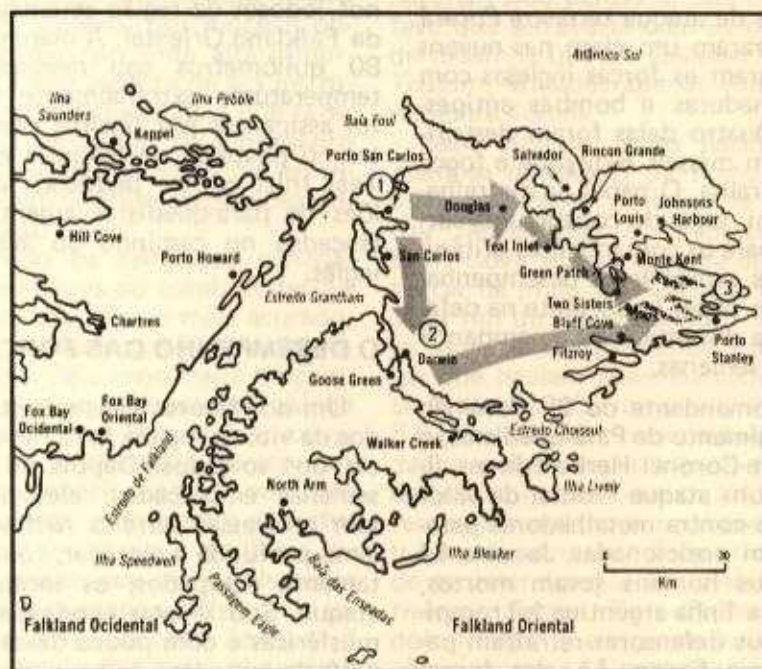
de maior vulto. (Ver o mapa das três fases principais: 1. Porto San Carlos; 2. Goose Green; e 3. Porto Stanley.)

O 3º Batalhão do Regimento de Pára-quedistas e os Fuzileiros Navais Reais deslocaram-se ao longo da costa setentrional, enquanto o 2º Batalhão do Regimento de Pára-quedistas, com um efetivo de 600 homens, marchava para sudeste em direção a Darwin e Goose Green. O ataque a esta última localidade teve como objetivo proteger o flanco direito britânico e suprimir o principal perigo represen-

tado pelos aviões argentinos nela baseados e que poderiam atacar os soldados ingleses, possivelmente com grandes estoques de napalm que mais tarde foram apreendidos pelos ingleses.

A pista de pouso em Goose Green podia também proporcionar uma base terrestre para os *Harrier* que apoiavam a marcha para Stanley. Os oficiais britânicos ainda se recusam a dizer se estas aeronaves chegaram a basear-se na costa ou se operaram integralmente dos navios-aeródromos. Há indícios, todavia, de que os *Harrier* da Real

Operações Britânicas nas Falklands



Força Aérea valeram-se de decolagem vertical para se deslocarem dos navios, completamente armados, a fim de aterrissarem em locais seguros próximos aos campos de combate previstos até que fosse necessária a sua participação.

A localidade de Darwin e a pista de pouso de Goose Green estão situados num istmo estreito. As forças britânicas foram obrigadas a realizar um ataque frontal contra uma força numericamente superior em posições bem preparadas. O mau tempo e as nuvens baixas na manhã do ataque mantiveram os *Harrier* no solo.

Os pára-quedistas britânicos enfrentaram uma rija resistência contra a sua investida quando seis aeronaves de ataque terrestre *Pucará* encontraram um claro nas nuvens e atacaram as forças inglesas com metralhadoras e bombas antipessoal. Quatro delas foram destruídas com mísseis *Blowpipe* e fogos de metralha. O papel da metralhadora foi, segundo consta, uma surpresa para os comandantes britânicos. As armas leves desempenharam um papel importante na defesa aérea durante toda a campanha de três semanas.

O comandante do 2º Batalhão do Regimento de Pára-quedistas, o Tenente-Coronel Herbert Jones, liderou um ataque frontal de valor pelotão contra metralhadoras pesadas bem posicionadas. Jones e 14 dos seus homens foram mortos, porém a linha argentina foi rompida e seus defensores retraíram para Goose Green. Lá eles foram martelados por fogos navais e re-

petidos ataques realizados pelos *Harrier*. Durante a noite, o novo comandante do batalhão manteve contacto a posição argentina pelo rádio de ondas curtas. Estas comunicações levaram à rendição total de 1.400 soldados adversários na manhã seguinte. A rendição em Goose Green abriu o braço sul do movimento de pinças que havia sido planejado, na mesma ocasião em que a coluna norte estava enfrentando dificuldades nos pântanos situados entre eles e Teal Inlet.

Se se tivesse que escolher o pior terreno possível para realizar uma marcha forçada com soldados pesadamente equipados, nenhum exemplo melhor poderia ser encontrado do que a série de pântanos lodosos da região setentrional da Falkland Oriental. A marcha de 80 quilômetros sob nevascas e temperaturas extremamente frias foi assinalada por ligeiros combates no povoado de Douglas e em Teal Inlet contra pequenos escalões de pára-quedistas argentinos lançados no caminho do avanço inglês.

O DESEMPENHO DAS FORÇAS

Um dos fatores mais subestimados da vitória inglesa foi a resistência dos soldados. Depois de seis semanas embarcados, eles puderam atravessar terreno rochoso e lama profunda e alcançar, completamente equipados, os locais de ataque. Sob severas condições atmosféricas e com pouco descanso, desfecharam, com êxito, violentos ataques noturnos que desalojaram

os argentinos de posição após posição nas vias de acesso de Porto Stanley.

Paradoxalmente, os soldados britânicos estavam mais ambientados a estas situações do que os argentinos. Há 10 anos, a responsabilidade da Grã-Bretanha para com a defesa naval da OTAN tem sido no Atlântico Norte, particularmente em redor da Groenlândia, da Islândia e das Ilhas Faroë, onde as condições atmosféricas são semelhantes.

A capacidade de o infante marchar 32 quilômetros por dia sob tais condições só foi possível mediante treinamento anterior e rigorosas rotinas de bordo que não apenas incluíam treinamento físico, mas também exercícios de tiro real. Os ingleses, por motivos óbvios, atribuíram uma alta importância a este aspecto de sua instrução, uma vez que tinham que fazer frente a uma linha de suprimento de 12.800 quilômetros de extensão e a um conflito de duração imprevisível.

Quando os britânicos divulgarem os relatos do combate terrestre para um exame mais acurado, serão salientados os papéis desempenhados pela engenharia de combate e pelos helicópteros. Ainda que coubesse à infantaria a maior parte das tarefas realizadas em terra, a engenharia, com o apoio dos helicópteros, mantiveram as viaturas, os blindados e a artilharia inglesa deslocando-se rapidamente através de terrenos difíceis. Os pilotos dos helicópteros levaram 8 toneladas de combustível e munição por dia para cada batalhão,

além de 4 toneladas de munição para os canhões de 105mm.

O assalto final contra Porto Stanley começou com uma série de ataques noturnos que rechaçaram as forças argentinas das colinas e montanhas que protegem aquela cidade. À medida que os soldados britânicos consolidavam as posições elevadas e se emassavam para o ataque final contra Porto Stanley, a Força Aérea Argentina cobrou um derradeiro e pesado tributo. A força-tarefa havia aberto uma segunda frente em Bluff Cove, 24 quilômetros a sudoeste daquela cidade. Em virtude de o *Atlantic Conveyor* e os pesados helicópteros *Chinook* de transporte de pessoal que ele carregava haverem sido perdidos, esta frente teve que ser aberta com os navios de desembarque *Sir Galahad* e *Sir Tristram*, armados apenas com canhões de 40mm.

Sem escoltas, estes navios tinham-se deslocado de Porto San Carlos e ficaram ao largo de Fitzroy Settlement, a sudoeste de Bluff Cove, esperando para desembarcar na praia 700 Guardas Galeses a fim de reforçarem um número semelhante de Guardas Escoceses que haviam desembarcado anteriormente. Os dois navios de 5.674 toneladas tinham sido retardados pelas tempestades e, numa decisão controvertida, os soldados receberam ordens de permanecer a bordo enquanto era dada prioridade ao desembarque dos mísseis antiaéreos *Rapier*. Dois *Skyhawk* e dois *Mirage*, que segundo informações voavam a 15 metros acima de superfície, atacaram as embarca-

ções. *Sir Galahad* foi afundado com a perda de, segundo se afirma, 50 soldados.

O comandante em terra, o Major-General Jeremy Moore, havia planejado o ataque final contra Stanley em duas fases. Ele tomaria as colinas mais distantes — o Monte William, o Wireless Ridge e a Montanha Tumbledown — e depois faria um alto para levar munição e suprimentos à frente antes de atacar a linha "Galtieri", que estava bem fortificada e rijamente defendida. O ímpeto dos ataques britânicos, todavia, combinado com a liberdade de seu comandante em explorar as condições no campo de batalha, que se alteravam rapidamente, resultou numa única e ininterrupta batalha.

O ponto de transição pareceu ser um violento ataque noturno desfechado pelos Guardas Escoceses e os Fuzileiros Navais Gurkhas contra os fuzileiros argentinos na Montanha Tumbledown. Os defensores revidaram, porém, apanhados em fogo cruzado, retraíram.

Em outro local, os recrutas argentinos foram rapidamente desalojados do Monte William e do Wireless Ridge pelos pára-quedistas ingleses e pelos gurkhas. O fogo naval, o bombardeio realizado pela artilharia e pelos morteiros durante ambos os ataques fizeram com que os soldados argentinos depusessem suas armas e se retirassem em direção ao abrigo das ruas de Stanley.

O comandante britânico, ansioso para manter o ímpeto e negar qualquer oportunidade para os argentinos reorganizarem suas defe-

sas, cancelou seus planejados movimentos de flancos. Em vez disso, os soldados ingleses prepararam-se para atacar frontalmente a linha Galtieri, que foi bombardeada pelos *Harrier*, fogo naval e pela artilharia. O ataque final não chegou a ser desencadeado. Às 2100 horas de segunda-feira, 14 de junho, um cessar-fogo foi declarado seguido da rendição de aproximadamente 9.000 soldados argentinos na cidade.

LIÇÕES

As lições da batalha terrestre podem ser desproporcionalmente reduzidas em relação ao volume da cobertura de toda a crise pelos meios de divulgação. Há, no entanto, pontos de referência valiosos na guerra (mesmo considerando a limitada descrição de que dispomos do combate até o momento) que as forças americanas podem usar para avaliar seus próprios treinamento e tática.

Vários pontos parecem claros. As forças terrestres inglesas confiaram na velocidade, surpresa, mobilidade e poder de fogo para suplantar uma tradicional regra básica militar de que uma força ofensiva, para ser bem sucedida, deve ter uma superioridade numérica de 3 para 1 no ponto de ataque. Eles o fizeram desembarcando bem longe da principal concentração das tropas argentinas, atacando unidades de pequeno valor e rapidamente conquistando a iniciativa, o ímpeto e a força. Os oficiais ingleses reconheceram a importância do apoio popular e aliado para sua

campanha, porém, no fim, foram a coragem e o profissionalismo dos soldados que lograram a rápida vitória antes que este apoio entrasse em colapso.

A coragem e o profissionalismo demonstrados pelos britânicos não foram acidentais. Seu treinamento salienta orgulho, disciplina e responsabilidade para com os companheiros desde o início, e dá ênfase às operações em qualquer tempo e condições. Não se vence batalhas com aeronaves no solo, navios ancorados e soldados nos quartéis durante longos períodos de seus ciclos de instrução.

Os ingleses têm uma obsessão de aproveitar-se o máximo do tempo disponível. Isto ficou especialmente patenteado durante o período que passaram embarcados. O treinamento físico e de tiro real com armas portáteis, duas habilidades sujeitas a declínio, foram intensamente ativados durante a viagem.

Finalmente, deve ser enfatizada que a campanha terrestre final jamais poderia ter logrado êxito se

os soldados britânicos tivessem sido perdidos em alto mar ou forçados a se retirar para águas seguras. Os Estados Unidos e seus aliados devem encarar o problema de que uma potência secundária, com suprimento suficiente de mísseis dirigidos de precisão disparados de aeronaves, embarcações de superfície ou de instalações terrestres, pode representar uma grande ameaça contra as operações anfíbias. O país mais fraco pode levar grandes potências militares a transformar o que poderia começar como uma expedição punitiva numa operação militar de vulto. No futuro, nenhuma marinha terá condições de projetar seu poder militar no exterior a menos que seus aviões ou mísseis lançados do mar possam neutralizar os do inimigo. Nenhum comandante pode, com convicção absoluta, empenhar soldados em qualquer outro tipo de ambiente se se deseja que os custos militares continuem sendo compatíveis com seus objetivos políticos.

(Reproduzido de "Military Review",
2º Trim/83)



Gary L. Guertner ocupa a cátedra Henry Stimson de Ciências Políticas da Escola de Alto-Comando do Exército dos EUA, em Carlisle Barracks, na Pensilvânia. Obteve os títulos de Bacharel e de Mestre da Universidade do Arizona e o de Doutor do Claremont Graduate School. Foi oficial do Corpo de Fuzileiros Navais e ministrou relações internacionais na Universidade Estadual de San Diego, na Universidade Estadual da Califórnia e na Universidade da Califórnia. Já escreveu inúmeros artigos sobre defesa e política exterior para periódicos especializados.